

O melhor do mais do mesmo: o Diderot de Andrew S. Curran¹

Paulo Jonas de Lima Piva²

Ficou muito mais fácil e prazeroso escrever uma biografia de Denis Diderot depois do monumental *Diderot*, de Arthur Wilson. Obra lapidada ao longo de trinta e seis anos, o empreendimento existencial de Wilson, de 917 páginas em sua edição original, foi publicado em língua inglesa em duas etapas, a primeira em 1957 e a segunda em 1972. Em português, a megabiografia apareceu apenas em 2012, de uma única vez, pela editora Perspectiva, com 1024 páginas. Do nascimento de Diderot no vilarejo de Langres, em 5 de outubro de 1713, como primogênito de quatro irmãos sobreviventes e de cinco irmãos mortos ainda crianças, no seio de uma família pequeno-burguesa e muito católica, à sua morte, em 31 de julho de 1784, à mesa, durante um café da manhã, num confortável apartamento em Paris, bancado pela imperatriz filósofa Catarina II, passando pelo golpe financeiro de “vigarista ocasional” dado por ele em um carola carmelita que insistentemente queria convertê-lo à sua seita, tudo de mais fundamental e relevante sobre a vida de Diderot encontramos no livro de Wilson. Trata-se, portanto, da biografia definitiva do maestro e capitão da *Encyclopédia*, pelo menos até o momento, fato confirmado pela publicação da mais nova biografia de Diderot, *Diderot e a arte de pensar livremente*, de Andrew S. Curran, em 2019, nos Estados Unidos, e, em 2022, no Brasil, pela editora Todavia.

Curran, que é “professor de humanidades” numa universidade estadunidense, autor do ainda inédito em português *A anatomia da negritude: ciência e escravidão na era do Iluminismo* e, sobretudo, leitor de Diderot por muitos anos, não ignora, e nem poderia ignorar, o trabalho de Wilson. Aliás, a impressão que se tem ao término da leitura do livro de Curran é que ele, que levou quatro anos para escrever sua biografia de Diderot, incluindo um ano sabático, fez do seu fichamento do livro de Wilson uma das bases do seu próprio livro, que é uma biografia, além de mais enxuta em páginas, mais informal, e por isso mais leve e dinâmica em termos narrativos do que a de Wilson. Nesse sentido, do ponto de vista estrito dos estudos especializados sobre Diderot, ou seja, das hipóteses interpretativas sobre os seus textos, do debate teórico sobre o seu pensamento e das novidades sobre sua vida, o livro de Curran não proporciona nenhuma contribuição significativa. Poderíamos dizer que, essencialmente, o livro de Curran retifica de algum modo e atualiza a biografia de Wilson na sua forma e repete no conteúdo, só que com outras palavras e outra retórica, Pierre Lepape, Gerhard Stenger, Jean-Paul Jouary e mais recentemente Dominique Lecourt. Em suma, para quem

¹ Resenha do livro *Diderot e a arte de pensar livremente*, de Andrew S. Curran (Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2002).

² Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professor da Universidade Federal do ABC (UFABC) e autor de *O ateu virtuoso: materialismo e moral em Diderot* (São Paulo: Discurso Editorial, 2003). E-mail: paulo.piva@ufabc.edu.br.

convive com Diderot como objeto de pesquisa há décadas, o livro de Curran é o mais do mesmo sobre Diderot. E não se trata aqui de uma questão de incompetência nem de má-fé, e sim de limites e saturação, afinal, a essa altura da profundidade, minudência e acúmulo de estudos sobre Diderot, o que haveria de novo para se dizer e teorizar sobre a sua vida, seus textos e seu pensamento, ainda mais dada a clareza de sua escrita, trajetória filosófica, teses e posições? A menos que um novo Herbert Dieckmann, o responsável pela descoberta do último lote de escritos inéditos de Diderot em 1948, os “arquivos Vandeul”, encontre um outro baú em algum outro sótão da Normandia, de Paris ou de São Petersburgo, repleto de textos novos de Diderot, ou que algum manuscrito inédito do filósofo apareça entre os livreiros do Sena, como ocorreu com o seu *O sobrinho de Rameau* em 1890, as definições e conclusões dos críticos especializados não mudarão muito quanto à natureza da sua filosofia e ao seu comportamento intelectual: Diderot, filósofo que um dia foi abade, que no decorrer do seu processo de amadurecimento filosófico trocou o catolicismo pelo deísmo, que enalteceu o sexo, que antes de se render às luzes do ateísmo testou *en passant* o ceticismo, o determinado, destemido e habilidoso condutor da *Enciclopédia*, o humanista materialista que encontrou no epicurismo, e depois em Sêneca, referências para uma moral laica e hedonista capaz de compatibilizar felicidade individual com virtude e justiça, o grande inovador da dramaturgia, o precursor da crítica moderna de arte, o entusiasta e depois decepcionado partidário do despotismo esclarecido que acabou apoiador dos rebeldes que fundaram os Estados Unidos da América, o crítico da escravidão e do colonialismo, o reformista, o liberal, o defensor da tolerância, enfim, a alma do Iluminismo.

Entretanto, se no contexto mais amplo dos estudos especializados sobre Diderot o livro de Curran se dissolve no oceano dos livros sérios sobre o filósofo, para o público brasileiro interessado no iluminista, mesmo o especializado, ele adquire um lugar especial: faltava em português um livro de introdução a Diderot que fosse ao mesmo tempo atraente, abrangente, denso, rigoroso, informativo e feito por alguém íntimo da obra de Diderot. O que tínhamos no Brasil até o livro de Curran eram apenas teses e ensaios universitários sobre Diderot, com sua linguagem e estilo peculiares, com exceção do pequeno *Denis Diderot: o espírito das “luzes”*, de Jacó Guinsburg, de 2001, na verdade, originalmente uma introdução às traduções de textos de Diderot feitas pelo próprio Guinsburg em 1966, publicadas como *A filosofia de Diderot*, e que depois passaram a compor o volume referente a Diderot da célebre coleção “Os Pensadores”. Contávamos também com *Diderot: o espírito do Iluminismo francês*, de Cláudia Milani, de 2017. O livro de Guinsburg, sem dúvida, é bastante útil ao leitor de primeira viagem de Diderot, porém, carece das virtudes presentes no livro de Curran. O livro de Milani, por sua vez, embora didático, está longe de oferecer o rico conteúdo do livro de Curran. Poderíamos ainda pensar como introdução ao nosso público não especializado, por não consistir numa tese acadêmica propriamente dita, a edição brasileira da megabiografia de Arthur Wilson já aludida aqui, mas suas mais de mil páginas não são nada convidativas para quem quer conhecer somente o essencial de Diderot e sem investir muito tempo nisso. Assim sendo, *Diderot e a arte de pensar livremente* não só preenche uma lacuna de longa data na bibliografia brasileira sobre Diderot, como também transborda para outros interesses, afinal, Diderot foi um pensador de todas as áreas, sobretudo, como enfatizou o próprio Curran, um pensador da liberdade. Trata-se, portanto, de um livro que doravante não poderá faltar nos projetos de iniciação científica e de mestrado que tenham Diderot como núcleo temático, uma vez que Diderot pertence àquela estirpe de filósofos que exige mais do que uma leitura

estrutural pode oferecer, que para ser bem entendida precisa da luz dos fatos que uma biografia como a de Curran é capaz de oferecer.

Embora avesso ao convencional e admirador das ousadias, a sensibilidade de Diderot fora acostumada a frequentar as telas do Louvre. De 1759 a 1781, Diderot tornou-se resenhista das exposições que lá ocorriam para o boletim *Correspondência literária*. Assim sendo, dificilmente a arte da capa da edição brasileira do livro de Curran agradaria a Diderot. Por outro lado, ele, como editor da *Encyclopédie*, certamente parabenizaria a editora Todavia pela qualidade do livro físico oferecido ao seu leitor. Sem exagero, o material da Todavia possui o acabamento e a formatação dos sonhos para os que buscam conforto e prazer em suas leituras: um livro largo, que para aberto, feito com papel de primeira, com um tipo e tamanho de letra que não agridem os olhos, o que acaba, por consequência, favorecendo a concentração, que é o estado mais almejado pelo leitor comprometido com a sua leitura. Por essa razão, o padrão físico do livro de Curran oferecido pela Todavia deveria ser o padrão do mercado editorial brasileiro.

Menos subjetivo e mais grave decerto do que a arte de uma capa destoante é um erro de tradução, ainda mais se ocorrido numa parte estratégica de um livro e com uma frase do seu protagonista. No livro de Curran encontramos essa infelicidade logo na página 10, mais precisamente no seu terceiro parágrafo. Trata-se de um pequeno deslize capaz de fazer o leitor mais exigente desconfiar, primeiro, da precisão da sua tradução do inglês, e, segundo, da tradução do francês para o inglês feita pelo próprio Curran da passagem de Diderot. Quem já acompanhou o debate entre Diderot e o escultor Falconet sobre o tema da posteridade, que aparece na correspondência entre eles, fica desconcertado quando se depara com a seguinte citação atribuída a Diderot, presente numa carta de fevereiro de 1766: “‘A prosperidade é para o filósofo’, declarou certa vez, o mesmo que ‘o paraíso para o homem religioso’” (grifo nosso). Na verdade, a palavra correta não é “prosperidade” e sim “posteridade”, como vemos no original francês: “La *postérité* pour le philosophe, c’est l’autre monde de l’homme religieux”³ (grifo nosso). Traduzindo rigorosamente conforme a escrita de Diderot, “a posteridade para o filósofo é o outro mundo do homem religioso”. Indo ao original de Curran, ao *Diderot and the art of thinking freely*, mais precisamente à sua página 11, constatamos que o erro não está na tradução de Curran da carta de Diderot e sim na tradução e revisão da edição brasileira: “‘Posterity is to the philosophe’, he once stated, as ‘heaven is to the man of religion’” (grifo nosso). Convenhamos que uma confusão de tradução dessa natureza, que troca “posteridade” por “prosperidade”, num contexto político tão tenso e frenético quanto o nosso, pode comprometer ideologicamente a reputação de Diderot, tornando-o mais liberal e menos metafísico do que ele realmente foi.

Fora essa confusão de termos, *Diderot e a arte de pensar livremente* é só instrução, esclarecimentos e prazer. Seu sumário em nada lembra o de uma biografia e sim o sumário criativo de um romance, embora a própria vida de Diderot – e este clichê não pode deixar de ser dito – tenha sido um romance, na verdade, um filme. A linguagem de Curran, a propósito, é bastante cinematográfica. Ele inicia o livro, na página 9, descrevendo em detalhes a violação do túmulo de Diderot por saqueadores em 1793, de uma tal maneira que é possível ver em imaginação os restos do corpo de Diderot espalhados pelo chão de mármore da igreja de Saint-Roch. Além disso, há no livro uma sequência de gravuras com o

³ DIDEROT, “Février 1766”, p. 101.

rosto de cada uma das personalidades que fizeram parte da vida de Diderot que torna a história ainda mais real e visual. Tudo isso faz do livro um roteiro quase pronto para quem quiser se aventurar a ganhar um Oscar com a vida de Diderot.

Para finalizar, uma pequena divergência com Curran: este superestima o ateísmo em Diderot. Curran exagera ao afirmar, por exemplo, na página 14 de seu livro, que Diderot “transformou-se no mais destacado ateu da sua época”. Ocorre que quando olhamos para a bibliografia de Diderot em sua totalidade, excetuando sua correspondência, o que constatamos é que o ateísmo nunca foi para ele uma causa a ser defendida tampouco uma tese prioritária a se fazer vitoriosa no debate metafísico das Luzes. Verificamos também que o tema tem mais destaque nas suas inquietações de juventude, mais precisamente nos seus *Pensamentos filosóficos*, de 1746, e em *O passeio do cético*, de 1747 – na *Carta sobre os cegos*, de 1749, o ateísmo é apenas sugerido nas entrelinhas –, porém, como explicação cosmológica refutada e vencida pelo deísmo. Já nos seus escritos da maturidade, de fato, o ateísmo aparece de forma central e explícita, mas uma única vez, no seu breve *Conversa de um filósofo com a Marechala de...*, de 1774, cujo desfecho não é uma apologia propriamente dita do ateísmo, tampouco um proselitismo da doutrina, mas a conclusão de que é plenamente possível a existência de uma moral eficiente que prescindia da religião como fundamento, ou seja, de que uma moral laica, e não necessariamente ateia, além de viável, pode funcionar melhor ainda do que uma moral de base religiosa, e isso se tiver a tolerância como valor e norma principais. Tal conclusão, vale assinalar, é um consenso na *Conversa*, fruto de uma interação argumentativa entre uma devota fogosa que sempre fora virtuosa por medo do inferno e por interesse no paraíso e um ateu virtuoso muito vaidoso de uma honestidade que sempre lhe rendeu benefícios.

Em Jean Meslier sim, em Holbach também, o ateísmo aparece como a questão central na filosofia francesa do século XVIII, mas não em Diderot. Mais importante do que o ateísmo para o prático e conciliador Diderot era o avanço das ciências e das técnicas. Diderot, na verdade, foi um ateu discreto, consciente de que o debate sobre a existência ou não de um deus provocava mais problemas do que soluções, afastava mais os indivíduos uns dos outros do que os unia. Essa falta de militância ateia em Diderot é cobrada, por exemplo, pelo ateu militante contemporâneo Michel Onfray. No seu *Contra-história da filosofia 4*, de 2007, dedicado aos “ultras das Luzes”, isto é, aos materialistas, hedonistas e ateus militantes do século XVIII francês, não encontramos Diderot ao lado de Meslier, Holbach e Sade, que são alguns dos ateus propriamente ditos da lista estabelecida por Onfray. Aliás, nem mesmo ateu, no máximo um ateu hesitante, um pseudo-ateu portanto, Diderot é considerado por Onfray, o qual chega a afirmar que na questão da existência ou não de um deus Diderot “navega em águas turbulentas”⁴, logo, que ele estaria mais próximo dos deísmos de Voltaire e Rousseau. Esse mesmo tratamento Diderot recebe de Onfray no seu *Tratado de ateologia*, de 2005, no qual o biografado de Curran é totalmente ignorado em sua genealogia do ateísmo.

Em suma, tanto para os que convivem com os comentadores de Diderot há mais tempo quanto para os que farão de *Diderot e a arte de pensar livremente* uma iniciação, o Diderot de Curran, seja como o mais do mesmo, seja como introdução filosófica e biográfica a curiosos, é sem dúvida um dos melhores em língua portuguesa.

⁴ ONFRAY, *Contre-histoire de la philosophie 4*, p. 24.

Referências bibliográficas

CURRAN, A. S. *Diderot e a arte de pensar livremente*. Trad. de José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2022.

_____. *Diderot and the art of thinking freely*. New York: Other Press, 2019.

DIDEROT, D. “Février 1766”. In: *Lettres à Falconet*. Texte établi par J. Assézat et M. Torneux. Paris: Garnier, 1876, XVIII, pp. 93-126.

GUINSBURG, J. *Denis Diderot: o espírito das “luzes”*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *A filosofia de Diderot*. São Paulo: Cultrix, 1966.

MILANI, C. *Diderot: o espírito do Iluminismo francês*. Trad. de Filipa Velosa. São Paulo: Salvat, 2017.

ONFRAY, M. *Traité d'athéologie: physique de la métaphysique*. Paris: Grasset & Fasquelle, 2005.

_____. *Contre-histoire de la philosophie 4: les ultras des Lumières*. Paris: Grasset & Fasquelle, 2007.

WILSON, A. *Diderot*. Trad. de Bruna Torlay. São Paulo: Perspectiva, 2012.